

A fraternidade é um dos valores fundamentais e universais que deveria estar na base das relações entre os povos, para que aqueles que sofrem ou são desfavorecidos não se sintam excluídos nem esquecidos, mas acolhidos, apoiados como parte da única família humana. Somos irmãos!

Papa Francisco, Mensagem para o Dia Internacional da Fraternidade Humana, 4 de fevereiro de 2022.



Boletim de Espiritualidade

1 AGOSTO 2022
Ano IX Nº 98

98



Agenda agosto 2022

- 31 jul **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *Revesti-vos do*
a 6 ago *Senhor Jesus Cristo* – P. José Augusto Leitão, SVD [🔗](#)
- 1 **Fátima** (Santuário) – Recoleção: Ir.ª Ângela de
Fátima Coelho da Silva, ASM [🔗](#)
- 2 a 10 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 3 a 7 **Santiago de Compostela** (Espanha) –
Peregrinação Europeia de Jovens [🔗](#)
- 4 a 7 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 5 a 7 **Avessadas** – Retiro, Orienta: P. Joaquim Teixeira [🔗](#)
- 7 a 14 **Ávila** (CITEs) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 8 a 14 **Bragança** (Palaçoulo) – Verão vocacional [🔗](#)
- 9 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 11 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 12 a 20 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 a 20 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *Caminhamos juntos*
na oração, na fraternidade e na missão – P. Manuel
Barbosa, SCJ [🔗](#)
- 18 a 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 a 27 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 21 a 27 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *Caminhamos juntos*
na oração, na fraternidade e na missão – P. Manuel
Barbosa, SCJ [🔗](#)
- 21 a 28 **Taizé** (França) – Semana de reflexão em Taizé,
para jovens dos 18 aos 35 anos [🔗](#)
- 22 a 26 **Avessadas** – II Jornadas de Longevidade e
Espiritualidade – Alexandra Araújo. [🔗](#)
- 22 a 27 **Fátima** (Consolata) – Curso de Missiologia: *Sereis*
Minhas Testemunhas [🔗](#)
- 23 a 28 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 26 a 28 **Avessadas** – Retiro: *Orar com o Evangelho de*
João – P. Vasco Nuno. [🔗](#)
- 29 a 1 Set **Fátima** (Santuário) – Simpósio do Clero: *A*
identidade relacional e ministério sinodal do
presbítero [🔗](#)
- 29 a 4 Set **Ávila** (CITEs) – Congresso Mundial São Joanino [🔗](#)

Agenda setembro 2022

- 5 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – Recoleção: Frei Rui Carlos
Almeida Lopes, OP [🔗](#)
- 9 a 11 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXII RUMOS, encontro
para jovens [🔗](#)
- 15 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 24 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *Todos irmãos/as.*
O desafio da fraternidade na vida consagrada – P.
Abílio Pina Ribeiro, CMF [🔗](#)
- 19 a 27 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 22 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 25 a 30 **Bragança** (Palaçoulo) – Verão vocacional [🔗](#)

ORIENTA: PE. ARMINDO VAZ

Introdução à Leitura da Bíblia

OUTUBRO DE 2022 A JUNHO DE 2023

Curso Bíblico



A Paixão em Oberammergau

Armindo Vaz, OCD

Acontecimento que passa ao lado de Portugal. Muito notado, por exemplo, nos EUA! É a *Representação da Paixão* de Jesus na pitoresca aldeia de Oberammergau, no sul da Baviera, a 90km de Munique. Entalada entre montanhas na paisagem de sonho dos Alpes alemães e protegida pelo símbolo da cruz, a aldeia de 5000 habitantes envolve mais de 2000 (actores, músicos, técnicos..., todos residentes na aldeia) na produção da representação pela qual é célebre em todo o mundo. A encenação da peça dramática é que marca o ritmo da vida da comunidade.

Tudo começou em 1633. No turbilhão tenebroso da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), a peste grassava por muitas regiões da Baviera. Em Oberammergau 81 pessoas morreram vítimas da epidemia, metade da população da aldeia. O Conselho da Comunidade reuniu-se e fez o voto solene de pôr em cena o drama religioso da Paixão de Jesus cada dez anos. A confiança do povo no poder salvador de Deus não ficou desapontada: “Daquele dia em diante não morreu mais nenhuma pessoa” pela peste – rezam as crónicas da aldeia. Foi o começo de uma tradição mantida quase 400 anos. A primeira representação em cumprimento do voto foi em 1634 e anualmente até 1674. Desde 1680 aconteceu em décadas redondas, excepto em 1770 (proibida pelo duque da Baviera) e em 1940, por causa da II Guerra Mundial (por razões várias, sete vezes foi feita no meio da década). A última encenação deveria ter acontecido em 2020. Por causa da pandemia, foi adiada. Está a acontecer agora, de 14 de Maio a 2 de Outubro de 2022, 103 representações na totalidade, 5000 assistentes em cada representação, que será vista por mais de 500.000 pessoas.

O que a aldeia faz cada dez anos não quer ser espectáculo lucrativo. De facto, quando soa o último acorde e a última palavra da recitação, os actores retiram-se e a assistência aplaude arrebatada, esperando que reapareçam para serem ovacionados; mas não reaparecem, dando a entender que o representado é antes uma meditação sobre o sentido da vida e da morte, de Jesus e da humanidade. Cada representação decenal devolve à aldeia a sabedoria feita de interioridade para pensar a sua existência. Transporta a força de um acontecimento fundador, do passado para o presente das novas gerações, para orientar a sua vida. Simultaneamente faz memória de dois acontecimentos, fundindo a relação de um com o outro: acredita e sugere que o mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus, deu sentido salvífico à vida e à morte dos seus antepassados de há quatro séculos e deve salvar também «a circunstância» em que a aldeia vive hoje. A aldeia tornou o evangelho consciência e suprema realização da sua vida. Percebeu que o evangelho tem riquezas a (re) descobrir e virtualidades inspiradoras dos jovens. Percebeu que a mensagem pregada do alto da Cruz fecunda a vida de dimensão transcendental e enriquece o espírito humano. Percebeu que quem guarda a memória do passado se torna mais digno do presente e do futuro; e que, sem o refrescar periódico do passado fundador, o presente e o futuro ficariam sem suporte. Percebeu que a história da paixão e morte de Jesus, incluindo a sua vida e a sua palavra, é um clássico, significativo para a cultura e estruturante da vida. Por isso, o texto dramático, musical e coral não se limita a narrar os episódios da Paixão. Põe na boca dos vários intervenientes ideias e frases abundantes



Paixão em Oberammergau (Christian Schranner)

de todo o evangelho, fazendo uma síntese da *boa nova* de Jesus. Esta, por sua vez e em linha com a melhor tradição monástica medieval, é cruzada e entretecida –através do sublime canto do coro e dos solistas – com grandes temas e acontecimentos do Antigo Testamento.

Os sucessivos autores do libreto têm-no actualizado, também para a encenação de 2022. E está destinado a evoluir. Por exemplo, Maria Madalena aparece como “uma prostituta”, de quem Jesus diz: “os seus pecados são-lhe perdoados porque mostrou muito amor”. Como na tradição cristã em geral, é aqui claramente confundida com “uma mulher pecadora na cidade”, a quem Jesus perdoo os pecados (Lc 7,36-50). A confusão deve-se ao facto de Marcos (16,9) e Lucas (8,2) a apresentarem como aquela “da qual [Jesus] tinha expulsado sete demónios” e “da qual tinham saído sete demónios”. Mas isto só significa que ela era muito doente, não contendo o *demónio* nenhuma conotação com o pecado ou com o maligno (associado ao *diabo*). Outra passagem que poderá melhorar é o olhar retrospectivo para “a expulsão do paraíso”, logo no pórtico de entrada da *Representação*. A narrativa da criação em Gn 2-3 é entendida à maneira tradicional, segundo a qual «Adão e Eva» teriam cometido o pecado original e, assim, deitado a perder a vida feliz da humanidade. A poderosa voz do baixo-solo entoa, para os presentes, afogado em aflição: “A Humanidade desanima, desalentada na fadiga e na dor; e tem saudades do tempo em que o anjo a expulsou do paraíso e a condenou ao desterro. A Humanidade foi desterrada das campinas do Éden, ofuscada na loucura e nas trevas da morte. Foi-vos proibido comer da árvore da vida... Todavia, à distância, das alturas do Calvário, brilha na noite um resplendor matinal; dos ramos da árvore da cruz sopram por toda a terra ventos de paz”. Entrada avassaladora e deslumbrante! Mas a exegese bíblica hoje percebe que o sentido dessa narração de criação foge do pessimismo e do fatalismo: é totalmente positivo. Ela quer sublimar as realidades da vida humana, tanto as agradáveis («o bem») como as penosas («o mal»), contemplando-as como criadas por Deus.

Talvez Oberammergau tenha intuído que o projecto de Jesus para a humanidade não foi compreendido em pleno. E quis contribuir para o seu aprofundamento. O voto-promessa não foi regateio com Deus. Foi um acto de fé no Seu amor para com os atribulados, manifestado em Jesus. A teimosa reposição decenal de *A Paixão* quer cantar uma história de esperança e redenção para o mundo. E é manifestação de agradecimento pela salvação sentida.

II Jornadas sobre Longevidade e Espiritualidade



**22 a 26
de agosto
de 2022**

A arte de valorizar ao longo da idade

Convento de Auessadas

Contacto: 255 538 150

avessadas@carmelitas.pt

 carmelitas.pt

Licenciatura em Ciências Religiosas

Lecionada na modalidade de ensino a distância (EaD)

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS EaD

2022 / 2023

A Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa está a promover a Licenciatura em Ciências Religiosas, na modalidade de ensino a distância. Esta Licenciatura é uma das vias de admissão ao Mestrado em Ciências Religiosas, mestrado profissionalizante para professores de Educação Moral e Religiosa Católica. Possibilita aos portadores de outra habilitação de nível superior a formação complementar (120 ECTS) para se candidatarem a este mestrado. [🔗](#)

Retiro de verão

Avessadas, 5 a 7 de agosto



Os padres Carmelitas Descalços promovem a realização de um retiro no fim de semana de 5 a 7 de agosto no Centro de Espiritualidade, em Avessadas, Marco de Canaveses, uma atividade com a orientação do padre Joaquim Teixeira. O retiro decorrerá em ambiente de silêncio e oração, aproveitando a envolvimento da natureza que embeleza este lugar de tranquilidade e repouso. O retiro começa com o jantar de sexta feira e termina com o almoço de domingo. As inscrições podem ser feitas para o email avessadas@carmelitas.pt ou pelo telefone 255538150. [🔗](#)

Santuário de Fátima: Projeto SETE

Voluntariado jovem

O Santuário de Fátima vai realizar a 5.ª edição do Projeto SETE, que, entre 2 e 28 de agosto, em quatro turnos de seis dias, oferece aos jovens uma experiência de imersão no voluntariado do Santuário. Aos jovens dos 18 aos 25 anos que se inscreverem é dada a possibilidade de colaborarem no acolhimento aos peregrinos, concretamente na preparação e limpeza de espaços, no apoio às celebrações e no acolhimento direto dos peregrinos em espaços celebrativos e museológicos do Santuário. O programa de cada turno inclui também momentos de formação, de celebração e de oração. A semana inicia com o compromisso do voluntário e termina com uma pequena celebração de envio, comemorando esta experiência a ser continuada no projeto de vida de cada um. [🔗](#)

Experiência da vida de fábrica

Simone Weil



Os dois ensaios apresentados neste livro – Experiência da vida de fábrica (1941) e Condição primordial de um trabalho não servil (1942) – brotam da experiência direta de Simone Weil depois de passar de professora de filosofia a operária. Apesar da sua saúde particularmente frágil, da sua inabilidade para o trabalho manual, Simone Weil, operária anónima, submeteu-se às mortificações da fábrica, ao assédio do trabalho vazio e alienante, para sentir na sua carne a condição dos trabalhadores. É aí, no «contacto com a vida real», que a sua experiência operária nutrirá uma filosofia do trabalho, entre as mais originais que existem. **Publicação:** Paulinas [🔗](#)

claustrO

Qual veado sequioso. Isabela Neves partilha no espaço *ClaustrO* uma breve reflexão sobre o Cântico Espiritual de S. João da Cruz, místico carmelita e doutor da Igreja que nos deixou, entre outras, esta belíssima obra. «O Cântico Espiritual desenvolve o símbolo do matrimónio de maneira direta e explícita. É um símbolo que tem presença destacada na Bíblia. João da Cruz usa-o para iluminar a relação interpessoal Deus/pessoa», escreve a aurora. [🔗](#)

Nada e skúmbala: a mesma experiência de Cristo? «O título deste artigo pode causar alguma estranheza: todos sabemos o que significa a palavra *nada*, mas o termo *skúmbala* é-nos totalmente estranho», assim começa o artigo de frei Andrei Morais, para nos fazer emergir na obra de dois autores: o *nada* cunhado por são João da Cruz e o termo *skúmbala* associado aos escritos de são Paulo. Uma leitura que nos vai demonstrar que «ambos foram encontrados por Cristo, arrebatados por Ele, que se tornou o centro e o fundamento das suas vidas. [🔗](#)



Três notas e um apontamento em jeito de crónica do dia de Nossa Senhora do Carmo de 2022, e mais uns pós

Frei João Costa, OCD

I. O anjo da flauta

Em dia da Senhora do Carmo, começado luminoso e quente, celebrava eu, pelas 09:00, no seu altar. O povo tinha o olhar preso nas mãos da Mãe, e os que lá não estavam para lá os ia atirando eu. Aliás, como sempre me faço, quando à sua presença vou, mas, sobretudo, quando de lá saio, num mirar-lhe, demorado, o escapulário, aproveitando para lho pedir de empréstimo para as lidas que o dia trouxer.

Celebrando com muito mais do que o acostumado ajuntamento de povo, prévio me revestira de sentimentos e louvores achados na arca velha de meu coração, visto que nenhum outro olhar como o da Mãe me enternece.

Aviso atempado recebera da cantora de turno das dificuldades que o salmo do dia impunha. Que no bernal outro havia, mas não daquela liturgia, avisou. Pelas almas de quem lá tem, pedi, quanta voz nela ainda morasse, com ela nos elevasse para o doce colo virginal, certo estar de que, com nuvem ou sem ela, pronto ela se abaixaria para nos amparar e alçar. – Sei, aliás, de há anos que, tal voz, já não condiz com a alma que, cantando com toda, mais e mais se lhe aveluda quanto mais a voz se lhe mirra –. Apenas uma coisa se me dava: que cantasse com alma, minguada lhe fosse a voz.

Seja qual seja a solene liturgia de hebdomadário dia, sempre aqui se canta sem acompanhamento musical. Por isso quase pulei no início do bendito salmo, ao sentir, subindo igreja acima, uns sons de flauta. Eram amáveis e achegavam-se-me das entranhas dos tempos para nos lavar. Confesso-me: não ouvi o salmo, que não sei para onde me refugiei ou fui transportado. Cri-me ou vi-me, não sei, lá para oitocentos anos atrás, num terreiro de uma montanha, com barbados e curtidos homens, em volta de uma fogueira acendida na frontaria de uma igreja velha. Se a flauta era de saltimbanco ou de trovador de tal longínquo horizonte chegado não sei nem jamais soube. – Nem sei dizer como acabei a Missa, que mais disse, como disse, ou o que por dizer ficasse. A comunhão devo ter dado, que ninguém ma veio reclamar –.

Bem de compreender é que dei a bênção final ao ritmo da flauta e, incrêuo que sou, logo fui apalpar com o olhar que anjo andarilho aterrara por aqui em dia da Mãe do Carmo e do Carmelo. Se anjo fora, não soube nem ainda sei. Apenas por ali vi um cachorro e uma debotada mochila com a bandeira da Inglaterra, e umas moedas numa lata. Faz sentido, todo o profeta merece comer do seu trabalho.

II. José, simplesmente José

Dias há em que, de quando em quando, me cabem idênticos movimentos aos de certo sacerdote de Silo. Quando tal acontece vou e venho sem mirar caras ou almas. Hoje, de uma, outra e outra vez, vi José – só no fim é que



soube ser assim chamado – atento e recolhido em paz, em silêncio, em oração. Às seis já ali não estava, mas às seis e meia, sim. Voltara, portanto. À hora certa chegou a restante comunidade o que, logo após, devotos, recitámos as Vésperas da Solenidade da Mãe do Carmo.

Ao contrário de outros noutras Horas, José ficou no lugar – o mais oposto ao meu. Rezávamos o Comum de Nossa Senhora e, a espaços, senti que fazia coro comigo. Deduzi-o fiel à Liturgia das Horas, mas que não realizara acerto com a certa. No fim, a comunidade sempre fica em oração silenciosa. Mas não hoje. José erguera-se ou, melhor, levantaram-no as asas de um sorriso, e cumprimentou um a um os membros da comunidade. Ao se me achegar vi-o moreno e já curtido pela idade. Fiz-lhe sinal para que se sentasse e questionei-lhe que brisa o trouxera. Não posso identificá-lo pelo apelido nem pela função há pouco assumida. Mas posso dizer a forma apressada e delicada com que se despediu: Hoje é dia a Mãe e eu tinha de passar o dia com a Mãe. Afinal sou dela. Foi um dia delicioso. Só daqui saí para ir à missa à Sé; mas como sei que a porta do Carmo sempre está aberta, voltei; ainda tinha umas coisas a dizer-lhe, mas, sobretudo, ainda precisava de a ouvir!

III. Virgem Imperfeita

Um título assim é um atrevido atrevimento; mais se ele apostrofa a Virgem Maria. Não é inteiramente meu, mesmo que nele haja um leve tresmalhe de um texto do Pe. Miguel Maria. Sucedeu que, por ocasião da solenidade da Mãe do Carmo de 2022, o Prepósito Geral escreveu uma carta a toda a Ordem, onde aponta para um ícone que se encontra à porta de um oratório de certo convento por ele tão amado. O ícone é de Maria. E está inacabado. Inacabado é imperfeito, digo eu em meu tresmalhe. Mas não julgo incorrer em heresias chamando-lhe Virgem Imperfeita que, se algo é imperfeito, é o ícone. E as palavras minhas.

A carta li-a no dia 15, depois que mão solícita ma achegou ao princípio da noite. Nela me tocou a nota do inacabado, da imperfeição. E que a vida de cada ser humano é um tender sempre para mais além, mais um passo, mais um degrau, um degrau acima, um centímetro além, um voo mais alto, um pique mais profundo, um repique mais suavemente sonoro. Enfim, nós, e a graça de Deus conosco, somos sempre para ir mais além, mais longe, mais longe, mais longe. Mais.

Alargar horizontes é o que nos cabe como jubilosa tarefa, não como dura pena ou degredado castigo. Também não é um círculo nem uma montanha russa; é um voo de bico em riste. E não é tarefa que termine, nem mesmo quando termina; é um sempre volver à acção ou, sobretudo, à in-acção; digo melhor, a um deixar Deus fazer o que por Ele iniciado já está em nós e, depois, com Ele melhor tem de ser feito.

Aceito o repto do Pe. Miguel Maria: pareça-me eu melhor a Maria que, afinal, filho dela sou; e visto que dela sou, jamais a outra me pareça.

Pareçamo-nos a Maria; mais e mais nos pareçamos a ela, que os filhos ou tiram à mãe, ou enteados são. Pareçamo-nos mais a quem mais temos de nos parecer – à Virgem do perfeito amor –, e complete-se, através de nós, e também em nós, a sua imagem, o seu rosto inacabado de Mulher, de Mãe e de Virgem.

Aqui estou, Senhor.

Faz de meu barro o que quiseres, contanto que em mim se complete a beleza inacabada da Mãe, mesmo que minha fé e meu amor não passem de um greiro.

– Que não passam –.

Toma o meu greiro, que não é belo nem feio.

Aceita-o. Querou dar-lho,

na esperança de que a seu coração fiel eu não falhe,

e mais e mais, o seu rosto ilumine o mundo.

Ámen.

E um apontamento

Rolam na net uns vídeos que me maravilham. Não é que seja adicto, mas gosto de os ver. São de meninos, meninos travessos, ainda que inconscientemente travessos, perce-

ba-se. Quem me lê certamente já os viu. Ah, melhor, quem é que em seus dias, se escusou de ser travesso? Quem nunca foi ao tarro do açúcar surripiar um tarolo? Quem nunca pisou o risco ou ficou à beira do abismo?

Pois, o que lhes quero dizer é que por aí existem uns vídeos que são de ir às lágrimas. São inocentes e, em geral, imagina-se, gravados pelos papás. Babados, é claro. São travessuras inocentes, do mais estapafúrdio que existir possa, e alguns deles a sair para o carote à família.

Explico-me: o último que vi era de artista. – Geralmente eles são de pendor artístico, porque pintores e poetas, somo-lo todos até aos dezoito! –. O último, portanto, em pouco mais de meio minuto, mostrava-me o lindo serviço de um garoto de uns dois ou três anitos: uma casa de banho pintada *a la Picasso*. Imagine Você que – imagine quem possa, mas era melhor ter visto! –, servindo-se duma caneta de grosso risco vermelho, tudo, tudo, tudo à altura do miúdo, e também o chão e a loiça sanitária, por dentro e por fora, fora sarrabiscado a vermelho! Eu ri-me, claro, porque o pintor nem a si se poupava, antes, despreocupado, embelezava roupa, mãos e pés, braços e rostinho! O que eu me rio com estas pantominas! Alguns pais, choram de desespero, de júbilo, outros; o que se compreende. – Eu nem imagino o quanto possam custar certas recuperações, nem o tempo de limpeza que tal possa exigir! Enfim, ao que quero chegar: quem pode imaginar as tropelias que uma criança abandonada a si mesma possa fazer? –. Por isso, com uma certa obviedade, neste dia da Senhora do Carmo, dei comigo a pensar na segurança e no aconchego do seu escapulário. E pedi-lhe:

Leva-nos, Mãe, pela mão

e jamais de nós te distraias,

ou viramos pantomineiros ferozes.

Tem-nos sempre sob teu manso olhar,

ou ninguém pode dizer

aonde possa ir parar.

O teu coração imaculado

nos seduza e atraia

ou, todos e tudo,

sarapintaremos à nossa volta.

Ámen.

E mais três notas a fechar

A Senhora Maria é fiel de todos os dias. Menos naqueles em que vai para os filhos que traz esparzidos por mundo e meio. Qualquer coisa como meio ano cá, meio ano por onde Deus ou a prole a reclamam. Não é de espalhafatos nem de espaventos; simplesmente voa para onde seja preciso um coração de mãe e avó. E aqui ou ali, fica, discreta e assertiva, no seu cantinho. Sempre a saúdo nem que seja com o olhar. Hoje, uns três meses depois, dei-lhe um abraço.

– A Festa da Senhora do Carmo cando é?

– Ora, Maria...

– Não é isso! Cando é que vocês dão o escapulário?

– Já demos; então! Foi na festa dela!

– E cando tornam a dar?

Desconfiado:

– Que se passa?

Então, tomando-me as mãos nos calos das suas, chora-me:

– Senhor Padre, o meu filho está mal. Tem três filhos e cinco netinhos. Apareceu-lhe uma coisinha má na cabeça. Queria mandar-lhe um escapulário para a Bélgica.

– Mas, o escap...

– Ele não vai à Missa, sabe. Mas é meu filho. E acardito que também é da Senhora do Carmo. Iria ela abandoná-lo na hora que mais precisa? Que mãe deixaria o filho por cobrir na hora mais fria?

Poucos dias depois da festa, os militares da Brigada de Trânsito vieram aqui rezar pelos colegas falecidos. No fim da Missa cumprimento-os. Reafirmo-lhes que Nossa Senhora do Carmo é também sua Padroeira:

– Nós sabemos, Senhor Padre; porque julga que é aqui que gostamos de rezar pelos nossos guerreiros caídos?

– Pois; aqui estamos todos em boas mãos, de facto...

– E sabe uma coisa: até ao ano de 1982, no dia da incorporação, era-nos oferecida uma imagenzinha da nossa Padroeira. Mas agora deixaram-se disso...

– Então?!

– Entraram militares de outras religiões, outros são agnósticos; sabe como é...

– Ok. Isto fica aqui entre nós: a Senhora do Carmo abençoa-vos a todos; e quer que todos sejais bons, bons profissionais em favor da lei e da grei, e que sejais santos ou não mereceis ser filhos e filhas dela. Pode ser?

Com os olhos húmidos, responde o mais velho:

– Obrigado, Senhor Padre! Olhe, todos nós precisamos de ouvir coisas assim. É que nós não somos daqui, nenhum é

só daqui. E o mais importante da vida é ajudar os outros a seguir, seguros, o seu caminho!

Não vejo a Isabel há para mais de meio ano. Ou bem mais. Não estranho porque lhe sei o marido gravemente enfermo. Vi-a hoje à hora da comunhão. Vinha a chorar. – Fala ela mais com lágrimas que com palavras –. Apeteceu-me dar-lhe um abraço, mas em vez dei-lhe Pão dos Anjos. Bem falta lhe há-de fazer. No fim veio à sacristia desfiar-me os dolorosos do rosário, enquanto dos olhos lhe esbarroncavam dois ribeiros. O seu rosário são mais que muitíssimos mistérios carregados montanha acima montanha abaixo. As lágrimas lavam-me a alma, garante-me. As suas, a mim também, afianço-lhe. E de seguida garante-me ainda que a cruz é um mistério feliz. Pura doçura, pura graça. A cruz é por ora a doença oncológica do marido, a inexplicável doença da filha, a doença do genro, o chumbo escolar da neta, a covide que a todos caçou, a vida virada do avesso. Como não sabia como parar aqueles ribeiros nasceu-me um ímpeto de fugir dali, mas aguentei firme; afinal, não poucas vezes ouvi dizer – e vi – que a cruz mais nos ampara que nos derruba. E restei de atalaia, no escuro. No fim daquele chuva de lágrimas de luz – são de luz, garanto-vos – dou-lhe um abraço, que nada mais tenho para dar-lhe. Nada, lamento-lhe; mas eis que o olhar se me descai para a mesinha da sacristia e vejo um escapulário que sei não estar ali há mais de dois segundos – donde veio não sei, garanto-me; só sei que antes ali não estava nem estive –. E dou-lho. É para a sua filha, que também é mãe, digo.

– Posso-lhe dizer que vai da parte da Mãe.

E eu que não posso dizer-lhe que bem acho que dela vem, contesto:

– Se não é a Mãe, quem lho mandaria?